



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita  
ao Centro de Estudos Brasileiros (CEB)**

**Maputo - Moçambique, 04 de novembro de 2003**

Quero dizer a vocês da alegria, da emoção de estar aqui, com brasileiros e brasileiras que atravessaram o Atlântico, chegaram às margens do oceano Índico e aqui estão trabalhando, vivendo, estudando, aprendendo, ensinando, sejam missionários, sejam empresários, sejam os nossos cientistas e os nossos educadores.

Acho que uma base gratificante da história de um ser humano é ele poder ser desbravador ou desbravadora, enfrentar coisas muitas vezes adversas, na perspectiva de realizar um desejo ou na perspectiva de dar uma contribuição.

O Ladislau morou aqui um tempo. Paulo Freire, acho que passou aqui um tempo. O Ladislau, para quem não sabe, é genro do Paulo Freire.

Este país, que lutou tanto para conquistar a sua independência, em 1975 e, depois, viveu um período longo de guerra civil e que, agora, há pouco mais de 10 anos, encontrou o caminho da paz, é um país que tem uma possibilidade extraordinária. Fui informado de que o PIB este ano, me parece, cresceu ou vai crescer de 7% a 8%, o que é uma coisa extraordinária para um país do continente africano. Espero que a paz seja, definitivamente, duradoura e que as pessoas que participaram desse processo de luta tenham aprendido que uma boa conversa, um bom acordo vale mais a pena do que uma guerra, por menor e por mais curta que ela seja.

E é uma alegria vir à África, chegar aqui e encontrar uma Casa do Brasil. Nós inauguramos, ontem, uma em Angola, mas ainda sem a pujança, sem a grandeza desta Casa aqui. Lá, é uma casinha mais acanhada. Com a mesma quantidade de carinho e de amor que tem esta daqui, mas menor. Mas, de



qualquer forma, é mais uma bandeira nossa fincada no continente africano, para sermos parceiros de verdade, para sermos companheiros.

Da mesma forma, ficamos emocionados quando fomos a São Tomé e Príncipe. A São Tomé e Príncipe nunca tinha ido sequer um ministro brasileiro, muito menos um ministro das Relações Exteriores e muito menos ainda um Presidente da República. São Tomé e Príncipe tem 150 mil habitantes, é uma ilha com uma população muito pequena.

Mas o que estamos fazendo é cumprir um compromisso histórico do nosso partido, um compromisso histórico de uma grande parcela da sociedade brasileira, um compromisso histórico do programa de governo que me fez ganhar as eleições.

Antes da campanha, durante a campanha e depois da campanha, nós afirmávamos, para quem quisesse ouvir, que iríamos ter uma posição muito mais ousada em nível de política externa, que não iríamos ficar esperando as coisas chegarem até nós, mas que iríamos ao encontro dos nossos companheiros, dos nossos parceiros, onde quer que eles estivessem.

E tomamos a primeira decisão, como política externa, de reaproximar o Brasil da América do Sul. Por incrível que pareça, a América do Sul está ligada geograficamente, umbilicalmente ao Brasil e, muitas vezes, o Brasil ficou de frente para a Europa e para os Estados Unidos e de costas para a América do Sul. E, quando olhava para a Europa, olhava com os olhos para cima, para não ver a África e já ver, diretamente, a Europa.

Nós achamos que, do ponto de vista comercial e econômico, é extremamente importante a relação que o Brasil tem com a União Européia e com os Estados Unidos. Queremos aperfeiçoá-la, queremos aprimorá-la, queremos vender mais, comprar mais destas nações, que são as mais ricas do mundo. Mas não poderíamos deixar de fazer com que também começássemos a adquirir as condições para que, um dia, nos tornemos ricos e possamos ser levados em conta nas negociações que acontecem no mundo inteiro.



Vocês sabem que o Mercosul estava fragilizado. Depois da desvalorização da moeda brasileira e da moeda argentina, o Mercosul ficou muito desvalorizado, porque depende muito da economia brasileira e da economia argentina. Então, como a Argentina também elegeu um novo Presidente, está facilitando o trabalho que nós temos de integração política, econômica, social e cultural. Só não vai ser possível fazer integração futebolística entre Brasil e Argentina, porque a rivalidade é muito grande e nós não queremos mexer nisso. Mas estamos com uma relação extraordinária.

Eu já me reuni com todos os Presidentes de países da América do Sul, desde as Guianas, Suriname, até o Chile, nesses 10 meses de governo. Estamos consolidando um processo forte para ver se todos os países da América do Sul participam do Mercosul.

O Brasil tem dimensão de que essa sua política tem que ter generosidade com os países mais pobres, com os países menores. O Brasil sabe que tem que ajudar o desenvolvimento de algumas regiões. O Brasil tem que agir como age o povo brasileiro: se você chega à casa de um nordestino, por mais pobre que seja, ele diz: “Onde come um, comem dois. Onde comem dez, comem vinte.” Ou seja, nós temos como cultura esse coração bondoso, essa repartição. Nem todos têm, mas a grande maioria do povo e, sobretudo, a parte pobre da população, tem essa dimensão de generosidade.

Então, o Brasil vai ter que agir com muita habilidade, muita disposição política. É um desejo, é uma vontade e é uma decisão do nosso governo fazer o estreitamento com a América do Sul e sonhar com que todos entrem no Mercosul, sonhar que a gente tenha um Parlamento do Mercosul, sonhar que a gente, um dia, possa construir uma moeda única, sonhar que gente possa ter várias coisas, várias instituições multilaterais, juntas, como tem a União Européia, que está sendo consolidada a cada dia que passa. E, também, o continente africano.

A nossa história com a África é mais do que uma relação diplomática. É



uma dívida que eu acho que o Brasil, nenhum de nós individualmente, mas que o Brasil tem com o continente africano. Porque foi desta parte do mundo que partiram homens livres, transformados em escravos no momento em que partiram, para nos ajudar a ser o que somos hoje, para nos ajudar a construir uma mistura belíssima de raças e ter um povo maravilhoso, como nós temos. E eu acho que o Brasil ficou com uma dívida a pagar e nós temos que pagar, ao longo desses próximos anos, mantendo a mais estreita relação, sobretudo com os países de língua portuguesa.

Eu tenho dito em todos os lugares: o Brasil quer fazer parcerias, o Brasil não quer ter relação hegemônica com nenhum país. Nós não queremos ter supremacia sobre absolutamente ninguém. Nós queremos ter igualdade nas nossas relações. Isso, nós estamos fazendo, pela primeira vez, nesta viagem minha a Moçambique. E vamos visitar ainda dois países, Namíbia e África do Sul. E, se Deus quiser, mais para a frente, mais países. Isso faz parte de um programa que nós vamos fortalecer, ajudar, para que o mundo comece a olhar a parte pobre do Planeta. Porque não é possível que as pessoas não tenham a sensibilidade de encostar a cabeça num travesseiro toda noite e dormir, sem lembrar que há milhões de crianças passando fome no mundo, milhões de desempregados e milhões de pessoas precisando de um pouco do dinheiro que está acumulado na mão de pouca gente e que poderia ser distribuído de forma justa e fazer a felicidade de muita gente.

Todo mundo sabe, eu tenho um mandato de quatro anos, já gastamos 10 meses desses quatro anos, tem três anos e dois meses, mas eu quero utilizar esses três anos de mandato que tenho pela frente para gritar cada vez mais forte, onde for possível gritar, para que as pessoas comecem a criar um espírito de solidariedade. Não é possível que um ser humano não tenha o coração mais aberto, que não seja disposto a ser solidário, que não seja disposto a estender a mão para as pessoas que não tiveram oportunidade. Se eu puder, pela minha origem, carregar este símbolo, certamente, dedicarei este



meu mandato não só para consertar as coisas que nós acreditamos que podemos consertar no Brasil, mas para tentar ajudar outros países para que possam conseguir os espaços que deveriam já ter conseguido. É muito difícil essa tarefa de sensibilizar, essa tarefa de conseguir relações comerciais justas, essa tarefa de convencer as pessoas a cederem para os pobres. Não é uma tarefa fácil. Não é. O que tenho dito em todos os lugares é que eu aprendi na vida que cada conquista que nós tivemos, e muitos de vocês participaram, foi muito difícil. Cada coisa que aconteceu, desde o movimento sindical. É muito complicado, tem que estar persistindo.

A nossa relação com o chamado mundo desenvolvido, a nossa relação na OMC, é uma relação de persistência. Não dá para a gente aceitar, de pronto, que nós somos fracos e que, portanto, já perdemos. Se fosse assim, não precisaríamos fazer nada. Ou seja, é exatamente por eles pensarem que nós somos fracos, que nós temos que mostrar que somos fortes, que temos disposição para negociar, e que a gente vai negociar de cabeça erguida, porque ninguém respeita aquele que está de cabeça baixa.

Nós, viemos aqui, em Moçambique, fazer vários acordos. Trouxemos vários ministros. Eu acho que o Brasil, embora seja um país pobre, é mais rico que Moçambique, é mais rico que Angola, é mais rico do que outros países da África e tem que ser solidário. O Brasil tem competência, base científica, tecnológica, para ajudar. O Brasil tem uma experiência empresarial que pode ajudar. O Brasil tem experiência sindical que pode ajudar. O Brasil tem experiência na área da saúde, na área da educação, na área dos transportes. O Brasil tem muita coisa para fazer. Muita gente pensa que ajuda é só com dinheiro. Dinheiro pode ser até importante, e muitas vezes é o que alavanca muitas coisas, mas há muitas coisas que a gente pode fazer sem precisar de dinheiro. Há coisas em que um gesto, às vezes, vale alguns milhões de dólares espalhados pelo mundo.

Nós já fomos recebidos de forma extraordinária no aeroporto. Eu me



emocionei na hora em que desci no aeroporto. Acho que amanhã vamos ter um trabalho muito sério. Os ministros vão se reunir com os ministros de Moçambique. Eu espero que as pessoas façam os protocolos que têm que fazer. E trago muitos ministros comigo, para depois eles aprenderem o caminho e virem sozinhos, não precisarem que o Presidente venha, se eles podem vir.

Eu tenho dito ao companheiro Celso Amorim o seguinte: quando comecei no movimento sindical, lá pelo ano de 1975, eu me lembro de quando aconteceram as primeiras greves e eu comecei a ficar um pouco importante, comecei a viajar pelo Brasil. Na época, a imprensa do ABC, e os meus adversários do ABC, criticavam muito porque eu viajava pelo Brasil, porque eu não parava, sexta, sábado e domingo, eu ia para o Acre, para o Amazonas, para o Pará, para Rondônia, para a Paraíba, para Pernambuco, para Minas Gerais, para o Rio Grande do Sul. Isso incomodava. E foi por esse incômodo que nós conseguimos criar o PT, que nós conseguimos criar a CUT, que conseguimos juntar num movimento popular, a comunidade e o movimento sindical.

E a mesma coisa nós vamos fazer no plano internacional. Hoje, eu disse para o Celso Amorim: Prepare as canelas, porque nós vamos viajar. Prepare as canelas, porque nós vamos ter que fazer algumas coisas que precisam ser feitas.

Não é que os outros não viajassem, não. Há muita gente que viaja. Agora, nós temos que definir uma estratégia para o nosso país, uma estratégia de relação internacional. Temos que escolher parceiros que tenham as mesmas condições, similares às nossas como, por exemplo, a África do Sul, a China, a Índia, a Rússia.

Nós temos que criar parceiros capazes de, na hora, se juntar, como foi feito em Cancún, com o G-22. É verdade que não fizemos nenhum grande acordo mas, também, não tivemos que engolir o que eles queriam que



engolíssemos.

Nós ainda estamos naquela fase da campanha, ou seja, “Lulinha Paz e Amor” é “Brasil Paz e Amor”. Mas, o “paz e amor” não significa que não saibamos os nossos objetivos e os nossos interesses. Sabemos perfeitamente bem. E essa nossa vinda a Moçambique, este encontro com vocês, é um pouco do interesse que temos no mundo.

Nós queremos dizer, em alto e bom som: o Brasil existe. O Brasil respeita e gosta de respeitar os outros. Mas o Brasil também quer ser respeitado pelo que já fez.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

/lrj/vpm/mcpro